



*vol. 03 - inverno 2025*

NOT YOUR MUSE

**BO  
RA  
NA  
VA  
LH  
AR**



## EDITORIAL

25 de julho, Dia Nacional do Escritor. Uma forma de homenagear cada navalhista que soma com a gente – seja publicando, lendo, espalhando nossas navalhas –, é trazer ao mundo a edição de Inverno nesta data.

Terceiro volume. Abrindo espaços. Alcançando novos espaços. Com a chegada da Editora Sertão Pasárgada, torna-se possível que as futuras edições sejam impressas. É isso mesmo, estamos planejando que a Revista Navalhista tenha cheiro, peso e mais fome. Inclusive, vão atrás do perfil da Editora Sertão Pasárgada. Não só esse projeto sairá por lá, mas também algumas antologias de textos publicados por aqui. A ideia é que seja publicada uma antologia por ano. A primeira já está sendo preparada. Sairá ainda neste ano. Uma editora situada a mais de 200km de distância da primeira livraria. Resistência & resiliência. Acompanhem e fortaleçam os *corres* de nossa parceira.

Mais uma vez: Dia Nacional do Escritor. A provocação segue a mesma: quanto de literatura nacional contemporânea você consome? Uma coisa é certa, nossa época não deve nada em relação a produção literária de qualquer outra época. O futuro dirá. Enquanto ele não chega, aproveite o que vem sendo produzido em terras tupiniquins.

Desfrute a edição. Tanta coisa boa que é melhor não destacar nada. Teria que mencionar cada navalhista que aqui soma.

O Editor

## SUMÁRIO

Editorial.....3

### **VERSONAVALHA**

Marina Faloni.....6

Gabriel Montilla.....7

Tamara Isaac.....8

Guilherme de Queiroz.....9

Maria Emanuelle Cardoso.....10

Uma Reis Sorrequia.....11

Ananum.....12

Athos Miguel.....13

Bruno Ramalho.....14

Aluisio Martins.....15

Fred Dantas.....16

Ubiratan Costa.....17

### **TRADUZIRNAVALHA**

Alda Merini [Patrícia de Meo].....20

Mariana B. Zanelli.....21

Clara Barbosa.....22

### **TEATRONAVALHA**

Brenno Costa.....24

### **PROSANAVALHA**

Bibianne Terra.....32

Fernanda Silveira.....35

Giovana Erthal.....38

Fernando Borges.....40

Adriano Espíndola Santos.....43

Paulo Henrique Passos.....44

Danilo Brandão.....46

Editor

*Aliedson Lima*

Arte da capa

*Fernanda Oliveira /*

*Jean Auguste Dominique Ingres*

Diagramação e projeto gráfico

*Aliedson Lima*

revistaonavalhista@2024

todos os direitos reservados

Redes:

*@revistanavalhista*

*www.revistaonavalhista.com*

*@editorasertaopasargada*

“

**PA**

**LA**

**VRAS**

**SÃO**

**NA**

**VA**

**LHAS**

Belchior

Apoio:



VER  
SON  
AVA  
LHA

# MARINA FALONI

## I.

Pequenas criaturas  
dispostas em círculos  
na casa da avó.  
Silêncio  
para ouvir rugidos  
saindo das minúsculas bocas.  
Bebida negra  
gaseificada  
impulsiona os sons.  
O mais alto dos estrondos  
leva prêmios  
que eu nunca ganhei.

## II.

Goma  
de maizena e água  
preparada pela avó  
para colar  
bandeirinha junina  
e memória de infância  
que vira poema

## III.

Ver a avó  
arrancar entranhas  
de peixes pescados  
em família  
e lambuzar os dedos  
sem sentir nojo  
depois que ela fritou  
a carne

# GABRIEL MONTILLA

expurgos, cóleras, bombas nucleares

o que há de comer,  
miserável?

onde hei de morar?

caminhar 2 milhões de anos,  
povoar toda a terra,  
descobrir o fogo, o metal, o amor, a pólvora —

só para sermos, outra vez:  
bicho.

# TAMARA ISAAC

## Estrada poeta

Sempre longa demais  
a estrada desde o destino até o poema.  
Sempre vermelha, às vezes verde,  
também amarela,  
mas sem cor suficiente para preencher  
a distância entre este medo e ou outro.

Medo do outro...  
do vazio barulhento de corpos  
que não conhecem a verdade vizinha  
nem a dor que percorre os céus.

Sempre sem saber chegar  
a estrada nas bordas de andares alheios,  
nunca no meio dos olhares sem começar,  
que tampouco quer parar o caminho  
dos verbos sedentes de página calada  
e plumas sem fundo, exaustas.

# GUILHERME DE QUEIROZ

## síndrome de florença

a sombra é sempre maior  
que o sujeito à luz  
pois ande no escuro até enxergar

o mundo é uma bola de gude azul  
mergulhada num poço sem fundo  
sua pupila é um poço sem fundo  
mergulhada num mundo azul

feito de íris  
cataratas diferentes  
cegam e encharcam

o amor acaba nos olhos  
quando tudo parece calmo  
e às vezes até desmaiamos

# MARIA EMANUELLE CARDOSO

## postulados do handebol na areia

ser tocado é handebol:

aqui nada é nosso,

apenas corpo

então ele será a nossa arma de jogo:

1. escolha sete lembranças com o seu amor.
2. a área dos goleiros é o cotovelo esquerdo.
3. a plateia são as clavículas e tudo que nelas pode ser guardado.
4. quem se lembrar primeiro da cor da fita no seu cabelo marca um gol.
5. não segure o amor por mais de três segundos
6. em caso do descumprimento da regra anterior, você estará sujeito a entrar num túnel do corpo.
7. dê no máximo três passos, sem driblar na arena da palavra.
8. driblar uma memória é uma conquista de atletas de alta performance.
9. a lembrança é uma manobra de condicionamento físico.
9. use o corpo para driblar e interceptar as flechas arremessadas.
10. o amor é um esporte das mãos.
11. as faltas comuns serão punidas com palavras livres.
12. as faltas graves serão punidas com palavras feridas.
13. as substituições são ilimitadas, e podem ocorrer a qualquer momento.
14. mas para entrar no jogo é preciso não se preocupar com a possibilidade de substituição pelo outro.
15. para isso, escolha sapatos ergonômicos, próprios para a pista: escorregadia, íngreme, infinita estrada do afago.
16. correr de um amor é um esporte para esquecer seu nome.

# UMA REIS SORREQUIA

Ele pouco ou nada se conhecia. Temia a ideia de mergulhar em si próprio. Somente se atrevia e se arriscava a nadar em cursos d'águas rasos e alheios. De tão profundo e desconhecido, não alcançava sequer chorar. Apesar de transbordar em suas margens infinitas. Devido às tempestades em alto mar do seu eu interior. Feito mar revolto em noite de ressaca. Todavia, mais belo na calmaria de suas ondas ao amanhecer. Ele banhava as costas de terceiros com suas águas límpidas. E se esquecia das impurezas que nele depositavam. Decantadas em seu assoalho marítimo inóspito e inacessível. Que iam se acumulando e lhe poluíam. Fazendo com que ele perdesse sua beleza que o constituía. Ao destruir sua diversidade e força-lo a alterar suas correntes de movimentos. Desencadeando um desequilíbrio generalizado de sua biosfera. Na esperança de seguir alimentando a uma cadeia maior de seu ecossistema. Adaptou-se às adversidades sofridas sem perder sua essência. Após conseguir fazer chover com seus olhos e se afogar em suas próprias lágrimas.

# ANANUM

## do interior

vivem me perguntando  
donde eu sou

(mania estranha de  
pertencer)

digo que sou do interior  
e me pergunto  
tem como não ser?

meu interior não tem divisas

lá onde palma é campainha  
paz é um banco na pracinha

coisas de interior  
pro fundo  
dizem segue toda vida  
nas não se chega  
onde já se está

donde cê é?

# ATHOS MIGUEL

## Papoula e Calixto

Quero descrevê-la, porém com calma.  
Sentir, aos poucos, mariposas escaparem pelos dedos.  
Infames dizeres empoleirados no peito.

Da cozinha, o apito do trem estremece os tímpanos.  
Vapor inodoro e tenebroso esplendor rabiscam a parede branca.  
Na cama, eu permaneço como devo permanecer.

O ventilador de teto e a chaleira somam-se à cítara e ao xilofone,  
Numa estranha canção. Eu a escuto como devo escutá-la.  
Pássaros de neblina dançam e gorjeiam sobre minha testa molhada.

Relembro frases cúpidas, quis sussurrá-las em seu ouvido.  
Desenho o rosto d'água, de retrocores vibrantes e saturadas.  
O cheiro da flor nas têmporas, bem como o nome opióide que carrega consigo.

Travestida em um elegantíssimo *tuxedo*.  
Seus cabelos curtos desaguavam sobre os ombros, enquanto fitavam-me  
Os olhos risonhos da orca que brinca com a caça.

Grandes pupilas papoulas vorazes. Tão logo e mais abaixo, havia boca.  
Naquela noite, sim, poderia tê-la beijado,  
Mas... quis deixar para depois.

Fora um exórdio, embora não trocássemos palavras,  
Apenas risos, flores de suspiros cálidos, caules retorcidos, ângulos sagitais  
E magnos.

Naquela noite, sim, poderia tê-la.  
Diferenciar o *pouvoir* do *savoir*, semear brocardos por um corpo impávido.  
Tê-la em convívio com meus poemas, humildes jardineiros.

Naquela mesa, sim, poderia tê-la sobre o espaço,  
Findar a memória de outrora, espinhosa, e seus lampejos.  
Por onde andar? Por quais outros bailes, quais vielas, quais trópicos, quais destroços?

Na cozinha, há um som reconfortante de cachoeira.

Sobre a pia, batismal, magma níveo e nome de flor.

# BRUNO RAMALHO

```
{ } #o.algo <ritmo.de>
#hoje <é.o.deus>
de ontem()
{
    o.algo / ritmo de, hoje;
    é.o deus, de.ontem.o;
    algo("ritmo ="); de ("%hoje", &é);
    o.deus("de ="); ontem.o ("%algo");
    ritmo.de.hoje = é.o + deus;
    de = (ontem + o)/algoritmo;
    de("\hoje = %é.o.deus.de.ontem);
    bruno.ramalho();
}
```

# ALUISIO MARTINS

## Sumidoro

acabo de estancar o corte na mão que rasgava um poema ... e o rio, esse rio que não se cansa de expelir suas vísceras líquidas na pia, onde os pratos sujos acumulam-se como lápides de porcelana, alguém chora, sim, alguém chora com a boca trincada pelo vidro, alguém bebe o pranto, enquanto a torneira, velha sacerdotisa de tubo oxidado, soa seu salmo de lodo e cloro, um deus de metal a pingar sobre a cuba, sobre as mãos, sobre o que resta de nós, e o úmido, ah, o úmido, essa geografia viscosa que nos une e decompõe, esses mapas desenhados, não com tinta, mas com lágrimas colhidas de olhos que já não sabem fechar, fronteiras que se dissolvem sem tratados, em suores, numa respiração condensada em tudo que escorre e cala, e apenas despeja, despeja os mortos que mastigamos em silêncio, os mortos que transbordam da pia e sobem pelas pernas da mesa, mortos que são ossos, fissuras de palavras calcificadas, dedos tesos que tocam a superfície do que não pode ser nomeado e ali ficam, tremendo

a carne mal passada presa na garganta

# FRED DANTAS

## Abissal

Um resto de som  
um gosto de sal.  
Um dois pra lá e dois pra cá do fim do dia  
que o corpo na corda bamba cadencia  
esse gosto de sol  
esse sorriso abissal.

Um pouco de ontem  
na busca da paz  
dessa tal felicidade  
na face do olhar invade  
frente, de um rio sob a ponte  
daquilo que deixamos para traz.

Agora é fevereiro  
nas esquinas de um dia comum.  
E me soa um nome doce...  
um resto de som  
um gosto de sal

A lua sob nossos pés ecoa do silêncio  
e ainda morreremos muitas vezes até o final.  
Me resta esse recado guardado no bolso  
e esse mesmo sorriso abissal.

# UBIRATAN COSTA

## Visitação de Ester aos pátios do sono

*“vem como estás, metade gente, metade universo”*

*“sobe além das nuvens  
até que planaltos  
até que planetas?”*

*Cecília Meireles*

De onde?  
Longe?  
De muito longe  
da Terra?  
Da Via  
Láctea?  
Do limite observável  
do universo?

De que paredões  
de gelo,  
de silêncio,  
de que planaltos  
de que planetas  
Ester  
- metade noite,  
outra parte  
mulher -  
esta noite desce  
aos pátios do sono?

De que torreões  
perdidos  
de poeira e gases,  
de que perdida  
galáxia  
nesse instante  
Ester se desprende  
- sombra e senhora -  
rumo às gazes do sonho,  
para que ordene  
a duas

de suas antigas  
agulhas  
que me costurem  
uma roupa sem fim?

E numa  
singela  
aérea  
dança  
as agulhas  
lhe obedecem.

Desde esse instante  
eu sei  
que nos pátios do sono  
eu não terei mais frio,  
nem tornarão a ver-me  
desnudo,  
envergonhado,  
as criaturas do sonho,

porque agora  
e sempre  
um par de agulhas  
no ar  
me costuram,  
ao mando de Ester,  
um manto infinito

como a noite  
no universo.



TRAD

DUZI

RNAV

ALHA

**ALDA MERINI**

por

**PATRÍCIA DE MEO**

*Apro la sigaretta*

*Apro la sigaretta  
come fosse una foglia di tabacco  
e aspiro avidamente  
l'assenza della tua vita.*

*È così bello sentirti fuori,  
desideroso di vedermi  
e non mai ascoltato.*

*Sono crudele, lo so,  
ma il gergo dei poeti è questo:  
un lungo silenzio acceso  
dopo un lunghissimo bacio.*

**Abro o cigarro**

Abro o cigarro  
come se fosse uma folha de tabaco  
e aspiro avidamente  
a ausência de sua vida.

É tão belo senti-lo fora,  
desejoso de me ver  
e jamais ouvido.

Sou cruel, eu sei,  
mas o jargão dos poetas é este:  
um longo silêncio aceso  
depois de um longuíssimo beijo.

manutenção.

PAUSA

TURVA



não ouvir nada

para ver o outro

MARIANA B ZANELLI

Depois, no momento em que mais a desejava,  
sua potência o abandonou, de repente...

Queria possuir aquela  
mulher e não podia. Sentia-se profundamente hu-  
milhado.

Jamais  
conseguiria  
alcançá-la

Chuva. *Extraordinariamente*  
violenta e abundante. *definiu,*

*Terra seca vira deserto. Por fim*  
*haverá imensas inundações...*

Quanto mais fome

(maiores os desejos

será que o senhor ainda

não me conhece,

o senhor absolutamente

não quer me conhecer?

AGORA  
EU  
ERA  
A  
MULHER  
GRANDE

deitada,

molhada

e

sorridente

*transmuda  
água*

TENTE ME  
ACHAR SO-  
QUANDO FOR SO-  
MAIS VELOZ

Agora te conheço, conheço tua  
natureza canina, que adora quando é chutada, e tan-  
to mais quanto mais é maltratada. Agora te conheço,  
mas tu ainda precisarás me conhecer.

**CLARA BARBOSA**

The background of the entire image is a repeating pattern of a stylized tea leaf and stem, rendered in a dark brown color against a light brown background. The pattern is arranged in a grid, with each unit consisting of a stem with two leaves pointing upwards and outwards.

**TEA**

**TRO**

**NAV**

**ALPHA**

Fade in.

## VERMELHO SANGUE

*(Dois amigos estão jogando baralho numa mesa. Cigarros, comidas e bebidas dão o clima atmosférico do local. Num sofá, ao lado, uma mulher jogada, aparentemente drogada)*

**Allan** – Tirei um naipe.

**William** – Besteira.

**Allan** – Às vezes cansa te ganhar o tempo todo. *(Olha o relógio)* Cadê o Carlos?

**William** – Sei lá. Disse ontem no boliche que viria, mas não falou mais nada.

**Allan** – Deve estar se empanturrando de cocaína.

**William** – Pouco provável.

**Allan** – Por quê?

**William** – Ele está sem grana. Ontem me pediu três mil dólares emprestado, está todo enforcado.

**Allan** – Três mil?

**William** – É óbvio que eu emprestei apenas 100, só tinha 500.

**Allan** – Ele me disse que tava querendo viajar até o México.

**William** – Eu sei. Nos planos dele, iriam eu, você e a Joyce, desceríamos New Orleans, Los Angeles e San Diego até o deserto do Texas, daí pegaríamos uma carona pro Novo México e de lá, roubaríamos um Chevrolet pra chegar em Oklahoma.

**Allan** – Até que não é uma ideia ruim.

**William** – Geralmente o Carlos não tem ideias ruins, Allan.

*(Joyce se mexe no sofá)*

**Allan** – Será que ela acorda ainda hoje?

**William** – Duvido muito. Quando eu cheguei, ela tava caída na cozinha com a mão esquerda toda furada.

**Allan** – Coisa esquisita isso, William.

*(William levanta, pega o isqueiro do bolso da Joyce e volta)*

**William** – Também acho, mas é a sua veia favorita.

*(Entra Carlos gritando, exuberante e com um livro na mão)*

**Carlos** – Olá mi hermanos! *(Cutuca Joyce)* Acorda, darling! *(Sobe na mesa do jogo)* Acabei de ser publicado e estou nas livrarias. E vocês também estão sendo falados. *(Tira um jornal do bolso de trás da calça)* Ouçam! O livro ON THE ROAD, de Carlos Ortigas, trás às livrarias americanas a essência da nova literatura beat, narrando histórias malditas em suas viagens.

**Allan** – E onde fala da gente?

**Carlos** – Não, na verdade não fala de vocês. (*Desce da mesa*) Mas foda-se, o que importa é que eu fui publicado.

(*Joyce levanta, pega um copo e vira uísque nelê*)

**Joyce** – Minha cabeça tá estourando, parece que tomei um tiro de espingarda na nuca. (*Olha pro Carlos*) E eu juro por Deus, que se você não calar essa boca, ou falar mais baixo, eu pego a pistola do William que está na gaveta e furo essa sua cabecinha de poeta.

**William** – Que baixo astral, Joyce. (*Joyce sai de cena*)

**Carlos** – É, eu tava só comemorando.

**Joyce** – (*Gritando*) Eu estou apenas mijando!

**Allan** – Vamos jogar, Carlos?

**Carlos** – Sim. (*Senta na mesa com William e Allan*)

**Allan** – Trouxe o negócio que te pedi?

(*William acende um cigarro*)

**Carlos** – Então, queria falar contigo, não rolou...

**Allan** – Porra, de novo?

(*Carlos tira o tablete de maconha do bolso do casaco e coloca em cima da mesa*)

**Carlos** – Tá aqui, cara.

(*William pega e cheira*)

**William** – Esse é o cheiro do paraíso.

**Allan** – Tudo cheira a paraíso longe dessa merda americana.

**Carlos** – Tenho uma coisa também.

**William** – Vou dar as cartas. (*Começa a dar as cartas*)

**Carlos** – (*abre o livro e lê uma parte*) “A pureza da estrada. A linha branca no meio da rodovia (*nessa hora, Allan e William começam a narrar junto*) desenrolava e abraçava nossa roda esquerda como se estivesse ao nosso groove”.

(*Joyce volta do banheiro*)

**Joyce** – Publicou o livro?

**William** – Ah, puta que pariu!

**Carlos** – Era sobre isso a minha gritaria.

(*Allan pega algumas cartas e joga*)

**Joyce** – I’m sorry, dear. Minha cabeça estava acabando comigo, me desculpa?

**Carlos** – Você está sempre perdoada, linda.

**William** – Será que dá pra jogar, Carlos?

*(Joyce senta no colo de William e o beija)*

**Joyce** – Por que ao invés de ficar jogando baralho, a gente não faz outra coisa diferente?

**Allan** – Diferente como?

**Joyce** – A gente podia ficar acertando umas maçãs.

**William** – Acertando umas maçãs?

**Joyce** – É, com a sua arma nova. Sabe, a gente coloca a maçã ali e tenta acertar. **William** – Baby, por que você não dorme mais um pouco, descansa. Acho que você está delirando.

*(Joyce pega o cigarro de William e começa a fumar)*

**Carlos** – Três de paus!

**Allan** – Droga.

*(Joyce senta a mesa, recolhe as cartas e distribui um novo jogo)*

**Joyce** – Ah, me esqueci de falar. *(Larga as cartas e corre pro quarto, volta correndo com uma fita k7 na mão)* Comprei no metrô, o rapaz me vendeu por 7 dólares, do Bill Whaters.

**Carlos** – I love that man.

*(Joyce coloca pra tocar e volta a mesa)*

**William** – Eu conheci a Joyce ao som dessa música. *(Olha pra Joyce)* Lembra?

**Joyce** – Sim, você chegou no bar com o Carlos. Vestia os mesmos óculos, usava um chapéu e uma jaqueta. O Carlos falou comigo de relance, perguntou se eu estava bem e foi até o palco. E lá, ele leu o poema mais lindo que eu li e ouvi em toda minha vida.

**Carlos** – Medo e macaco.

**Joyce** – Isso. Medo e macaco. Do William, fiquei chocada.

**William** – Depois você me pediu um cigarro, te paguei uma bebida e terminamos no banheiro feminino fudendo.

**Allan** – *(sobre o jogo de cartas)* Ai meu caralho!

**Joyce** – Eu tenho esse poema em algum lugar. *(Joyce sai do jogo e volta pro quarto pra procurar)*

**Allan** – Joyce, depois você vê isso. Vamos jogar!

**Carlos** – Allan, e o seu livro? Não vai publicar?

**Allan** – Tô sem grana pra bancar a edição.

**Carlos** – Eu te empresto, porra.

**William** – Se tu tem dinheiro, por que me pediu emprestado?

**Carlos** – De vez em quando na vida, a gente tem que testar nossas amizades.

**William** – Você é louco. *(Levanta, pega o copo e senta no sofá bebendo)*

**Carlos** – Você precisa de quanto? *(Pro Allan)*

**Allan** – 1.000 doletas.

**Carlos** – Isso é bastante grana.

**Allan** – Quanto você pode me emprestar?

*(Carlos tira do bolso umas notas e umas moedas)*

**Carlos** – Três dólares e 48 centavos.

*(William começa a rir, cospe a bebida de tanto rir)*

**Allan** – Não fode, Carlos!

**Carlos** – Qual é, eu posso vender bastante livro. De repente num futuro próximo eu tenha esse dinheiro pra te emprestar.

**William** – Por que vocês tem tanto fetiche por publicar livros?

**Allan** – As estantes estão cheios de livros ruins, William. O que há nessas livrarias de Nova York são livros sem fogo, sem tesão, nada explode, nada acontece. Só tem tédio. **Carlos** – E a gente tem essa chance de colocar o pau na mesa, mostrar pras pessoas que ler não é só aula didática pra velhos que não fodem.

*(Joyce volta só de calcinha, com um papel na mão e desliga o rádio)*

**Joyce** – “Seus pelos de homem

seu dorso grosso

sua saliva...”

*(William interrompe a leitura de Joyce, pega o papel da mão dela)*

**William** – Me dá isso aqui!

**Allan** – Joyce!

**Joyce** – Que merda é essa, William?

**William** – É um poema.

**Joyce** – Isso não é um poema, isso é uma anotação!

**William** – Que grilo é esse agora, Joyce? Você sempre soube que eu gosto de homem também.

**Joyce** – Você me disse que tinha parado.

**William** – E quem te disse que eu continuo? Isso é antigo.

**Carlos** – Coloca uma roupa, Joyce.

*(Allan senta, pega um copo e Joyce tira da mão dele e joga no chão)*

**Joyce** – Antigo é o caralho!

**William** – Vai tomar no cu, Joyce! Agora virou homofóbica?

*(Joyce fica em silêncio olhando William, senta no sofá chorando)*

**Joyce** – Eu tenho medo de perder você, eu sei que você amanhã ou depois vai se apaixonar por algum homem e vai embora, viajar sem mim.

*(Carlos tira o seu casaco e veste em Joyce)*

*(Allan tira do bolso um baseado e começa a fumar com o Carlos)*

**William** – Isso não vai acontecer, baby. Vem, vamos voltar ao jogo?

**Joyce** – Eu não quero mais jogar.

**Carlos** – Então vamos ler o poema do William, você não queria?

**Joyce** – Eu não achei.

**Allan** – O William tem na cabeça, decorado.

**William** – É, eu tenho.

**Joyce** – Ninguém tem pó, não?

**Carlos** – Ei!

**William** – “Coceira irritante e perfume da morte

no sussurrante vento do sul

cheiro de abismo e nada

o anjo vil dos vagabundos uiva pelo apartamento

como um sono cheirando a doença

sonho matutino de um macaco perdido

nascido e sufocado por velhas fantasias

com pétalas de rosas em frascos fechados

medo e maçado

gosto amargo de fruta verde ao amanhecer

o ar lácteo e picante da brisa marinha

carne branca denúncia

teus jeans tão desbotados

perna sob sombras do mar

luz da manhã

no neon celeste de um armazém

no cheiro do vinho barato no bairro dos marujos  
na fonte soluçante do pátio da polícia  
na estátua de pedra embolorada  
no molequinho assobiando para vira-latas.  
Vagabundos agarram suas casas imaginárias  
um trem perdido apita vago e abafado  
no apartamento noite gosto d'água  
luz da manhã em carne láctea  
coceira irritante mão fantasma  
triste como a morte dos macacos  
teu pai uma estrela cadente  
osso de cristal no ar fino  
céu noturno  
dispersão e vazio.”

*(Todos ficam em silêncio, Allan e Carlos estão chapados de maconha, um com a cabeça na mesa e o outro dormindo apoiado na mesa. O poema deixa o ambiente impactado, renovado, como se nada tivesse acontecido antes. Joyce fica olhando no olho de William, parada na frente dele, William fica olhando Joyce, da mesma maneira. Uma luz foca sobre os dois, todo o resto fica escuro. William tira do bolso a benzédrina e dá na mão de Joyce, ela cheira e depois ele cheira. Depois ela tira do bolso dele uma seringa e garrote, William dá o braço pra ela e Joyce aplica no seu braço heroína, e William faz o mesmo com ela depois. Ficam alucinados, se beijam, se pegam e caem no chão transando. Dormem, o foco muda pra Allan e Carlos, que acordam e percebem que o tempo passou. A luz acende normalmente de novo, e Allan acorda os dois.)*

**Allan** – Ei, people. 3 da matina, a gente pegou no sono.

**Carlos** – Mas acordamos com tudo. *(Enche o copo de uísque e bebe)*

*(William levanta com Joyce, Allan cai no sofá)*

**Allan** – Eu estou exausto.

**Joyce** – Eu estou ótima. Um pouco chapada, mas nada demais.

**William** – Já sei. *(Corre pro quarto)*

**Joyce** – Me dá um copo. *(Olha pra Carlos)*

*(Carlos dá o copo pra Joyce, nisso volta William com a arma apontada pro Carlos)*

**Carlos** – Vira essa merda pra lá, William.

**William** – Coloca o copo na cabeça.

**Carlos** – Para com isso!

*(William atira na parede)*

**Carlos** – O que é isso?!

**William** – Coloca o copo na cabeça, Carlos.

*(Joyce fica nitidamente excitada, com os olhos faiscando)*

**Allan** – William.

*(Carlos coloca o copo na cabeça e William atira, acerta o copo)*

*(Joyce solta um grito quase que de gozo)*

*(Carlos fica olhando pra William, depois de 5 segundos, eles começam a rir)*

**William** – Ainda não perdi a pontaria.

**Allan** – Copo é fácil.

**William** – Fácil? Joyce, pega a maçã e fica ali, naquela parede.

*(Joyce pega a maçã e coloca na cabeça, William fica mirando)*

**William** – Preparada?

**Joyce** – Vai, anda logo!

*(William atira, acerta Joyce na cabeça à queima roupa, sem chances. O cadáver cai no chão. Carlos começa a gritar desesperado. Allan se ajoelha no corpo de Joyce e começa a chorar. William fica parado, estagnado, sem ação)*

Fade out.

PRO

SAN

AVA

LHA

# BIBIANNE TERRA

## Infiltração [conto]

**A** infiltração surge com uma sutileza devastadora, ela penetra as fissuras da alma, expandindo-se em silêncios. É o caminho por onde mágoas e medos se aprofundam, corroendo as estruturas internas, até que tudo cede, revelando o peso do que não foi enfrentado.

\*\*\*

Quando ela surgiu? Como começou? Marina não lembra. Só sabe que passou a observar, todos os dias, a pequena mancha de infiltração que teimava em crescer entre o canto da parede e o teto da sala. No começo era um borrão discreto, uma mancha acinzentada insignificante, que por algum tempo ela ignorou. Marina, com sua vida corrida, repleta de obrigações diárias e compromissos que sufocavam qualquer preocupação com a aparência das paredes de sua casa, via a pintura como algo irrelevante naquele momento.

Mas, pouco a pouco, aquela pequena mancha foi adquirindo vida própria, espalhando-se, infiltrando-se e crescendo como uma praga invisível, como uma ervadinha criando raízes. Marina, em sua apatia cotidiana, subestimava aquela infiltração. Chegou até a dar-lhe o nome de "mofinho", afirmando para si mesma que era apenas um detalhe, que, quando sobrasse tempo, chamaria alguém para refazer a pintura daquele canto da sala. A infiltração na sala, porém, não era o único item da vida de Marina que era negligenciado: ela também ignorava a si mesma, seus sinais de exaustão, as emoções reprimidas — algo que a corroía e crescia em seu interior. Usava uma fachada de plenitude, com sorrisos complacentes, para disfarçar o

caos interno que aumentava, assim como aquela inofensiva infiltração, mascarada pelo "mofinho".

Com o passar das semanas, a mancha foi crescendo, ganhando forma. Quando chegava do trabalho, exausta, Marina se sentava no sofá, com uma xícara de vinho nas mãos, e ficava contemplando a mancha, com a mente em fuga, pensamentos distantes, revivendo situações do seu dia, lembrando o passado, pensando em momentos em que deveria ter agido diferente. Quando se dava conta, lá estavam seu olhar e pensamento, fixos naquela mancha, imaginando se era superficial ou quão profunda ela deveria estar. Será que havia chegado ao concreto? Onde se infiltrava? O quão fundo ela estava indo? Eram pensamentos dispersos, sem nexo para muitos, mas para ela, eram escapes da realidade, fugas do enfrentamento diário.

O "mofinho" parecia ter humor próprio. Em alguns dias, parecia refletir o estado de espírito de Marina: às vezes, vislumbrava um leve sorriso na mancha; em outros, tinha a sensação de ver lágrimas escorrendo, pequenas gotículas que desciam lentamente do canto do teto, sumindo ao escorrerem pela parede, deixando um rastro amarelado.

Marina já há muito tempo enfrentava problemas no trabalho, na vida sentimental, após um divórcio conturbado, e na relação estremecida com sua família — que não aceitou bem a separação, especialmente sua mãe, que sonhava vê-la casada, com filhos, vivendo um conto de fadas. Marina se ressentia de todos esses cenários, mas não os enfrentava. Preferia escondê-los, varrê-los para debaixo do tapete, tentando escondê-los dos outros — e principalmente de si mesma.

Meses se passaram. A vida de Marina parecia ruir, mas ela continuava com o sorriso

que tudo escondia. Porém, naquele fatídico 25 de março, tudo foi diferente. Ela enfrentou grandes problemas no trabalho, e a demissão era iminente. Na volta para casa, foi surpreendida por um temporal que a deixou presa por horas em um alagamento. Quando finalmente chegou, exausta, entrou sem olhar nada ao redor, apenas tirou os sapatos, serviu-se de vinho e se sentou no sofá para contemplar o "mofinho"...

Nesse momento, tudo ruiu. O descaso com o "mofinho", o descaso com sua vida. Ela havia se traído. "Mofinho" não era apenas uma mancha que às vezes chorava: ele havia explodido, revelando que sua imagem — que ela tanto contemplou por meses — era apenas uma máscara, escondendo o cenário devastador. As estruturas internas estavam sendo destruídas por uma grande infiltração. Ela pôde ver o aço do teto, o concreto cedido, as camadas de reboco esfareladas. Tudo havia caído.

Ela permitiu que a infiltração chegasse tão longe. Fora omissa, assim como com sua vida, deixando que os problemas se infiltrassem em suas entranhas, corroendo suas estruturas — como "mofinho" corroía sua casa.

Naquele momento, enfrentando o caos instalado, Marina compreendeu que era necessário mudar. Era preciso enfrentar os problemas, ou seria consumida por eles. O "mofinho" nunca fora algo superficial; aquela mancha de semblante plácido escondia verdades brutais, um desgaste profundo — assim como seu sorriso escondia algo enraizado em seu ser.

Marina cedeu. Absorvia o cenário desalentador à sua volta. As lágrimas correram livremente, mesclando-se ao som do gotejar vindo do grande buraco no teto, compassado com suas lágrimas: quanto mais ela chorava, mais água jorrava de "mofinho". Ela adormeceu com o gosto salgado das lágrimas na boca, tentando entender como havia parado em meio a tantas ruínas e escombros. Não era apenas sua casa que estava ruindo — era sua vida.

No dia seguinte, chamou um pedreiro que iniciou o trabalho com urgência. Marina, de outro canto da sala, apenas observava. A cada

pedaço de reboco removido, o buraco aumentava, revelando a dimensão de sua negligência.

O medo, a tristeza, a solidão — sentimentos que Marina ignorara por tanto tempo — agora se revelavam, tão implacáveis quanto a infiltração que consumia seu lar. As rachaduras na parede, o buraco expondo as estruturas da casa, refletiam as fendas em sua alma, expostas pela negligência e pelo silêncio que ela havia imposto a si mesma.

Enquanto os escombros de sua casa eram removidos, Marina sentia que algo dentro dela também estava sendo desenterrado. Cada pedaço de reboco que caía parecia sussurrar verdades que ela evitara ouvir: era impossível reconstruir qualquer coisa sem antes encarar a extensão do dano.

A sala destruída era um espelho de sua jornada — um lembrete de que problemas ignorados não desaparecem: crescem, se infiltram e consomem tudo ao redor.

O trabalho de reparo em sua casa tornou-se um ritual simbólico. À medida que as paredes eram limpas e o teto reforçado, Marina compreendia que a proteção mais importante começava dentro dela.

Na poeira que pairava no ar, encontrou uma estranha serenidade.

Havia algo libertador em assumir suas fragilidades, em aceitar que mudanças verdadeiras eram necessárias; que era essencial encontrar as ferramentas certas para refazer suas estruturas — coragem, esforço e, acima de tudo, tempo. Marina sabia que, assim como sua casa, ela também poderia ser reparada — não para esconder suas falhas, mas para aprender com elas.

Quando o trabalho terminou, contemplou a sala reformada. Não estava perfeita, mas era um novo começo. E, pela primeira vez em muito tempo, Marina olhou para si mesma com o mesmo sentimento. As cicatrizes que carregava não a definiam — eram apenas marcas de uma história que ainda estava sendo escrita.

Ela olhou para o local onde "mofinho" habitou por tanto tempo, com um sentimento agridoce. Aquele espaço vazio agora trazia um silêncio diferente, como se finalmente

respirasse após meses de sufocamento. Não havia mais vestígios da mancha, mas a memória de sua presença permanecia — como um lembrete de que tudo o que é ignorado pode crescer até consumir o que mais importa.

Marina entendeu, então, que "mofinho" não foi apenas o reflexo do descaso com sua

casa — mas o reflexo de sua alma, do processo de transformação que ela tanto adiou. Era o fim de uma infiltração. E o começo de uma permanência — da casa, da vida e de si mesma.

# FERNANDA SILVEIRA

## A morte é quem conta [conto]

— *Sou um homem morto.*

Ele já quis começar seu relato assim, para poupar as pessoas de qualquer surpresa. Ele me disse, aqui do alto do seu caixão, que está com dificuldade de contar por que se encontra nesse estado, pois não acha as palavras na mente. Bem, se ajudar, pode-se dizer que ele é um homem relativamente jovem, morto, deitado em seu caixão de madeira não muito boa. O que você está dizendo? Ah, tudo bem, entendi. Bem, ele está aqui me pedindo para contar a história toda. Não que eu saiba tudo sobre ele, nem tenho interesse, de fato, pois meu trabalho já está feito, mas, do pouco que precisei saber para isso, o Gumercindo nunca foi alguém que se interessasse por sonhos, realizações, prestígio. Não, nada disso. O Gume, como vou chamá-lo a partir de agora, era um homem do preto no branco, como as pessoas vivas costumam dizer. Logo cedo, achou que era coisa de idiotas refletir muito, filosofar. “Para que tudo isso se o que importava era sobreviver?”, ele bem que poderia dizer, se fosse bom com as palavras. No seu entender, era isso que movia a roda do mundo. E ele não seria um tolo de perder tempo divagando devagar na vida. Correu atrás de arrumar um emprego ainda adolescente, mal saído da infância, porque a vida já não era fácil ali. Deixou a escola quando completou o Ensino Fundamental e foi aprender o ofício menos exigente intelectualmente que ele achou que

poderia executar. Não queria ter o trabalho de realizar cálculos complicados, muito menos ser detentor de um vocabulário vasto. Mais um de muitos filhos, os pais não lhe fizeram objeção; ao contrário, acharam proveitoso que o filho levasse algum dinheiro para casa.

Mas o Gume também não era de ajudar necessitados, e nesse grupo se incluía a própria família. Cumpria com sua parte no pagamento das contas da casa e guardava o restante.

Nada lhe sobrava, nem mesmo as palavras. Não era de jogar conversa fora com os colegas, aos quais cumprimentava com sua pouca educação, e nada mais. O Gume chegava antes da hora e saía um pouco depois.

Não tinha prazer em absolutamente nenhuma atividade. Aos fins de semana, arrumava bicos.

Adulto, o Gume achou melhor terminar o Ensino Médio para conseguir um trabalho que lhe pagasse um pouco mais, mas que igualmente exigisse dele pouca elaboração mental ou responsabilidade. Em um ano, dedicou-se ao supletivo e terminou honradamente aquela etapa da educação básica. Tão logo pegou seu diploma, comprou o único terno que teve na vida, com o qual está deitado no caixão neste momento, e foi atrás de emprego em escritório, onde pudesse ter o conforto de um ar-condicionado. Não foi tão

rápido, mas ao fim de um intervalo, estava empregado numa firma.

Ele disse que aprendeu o serviço muito rápido, porque era bem fácil. Enquanto os outros procrastinavam na hora do almoço e criavam doenças e obstáculos diversos para não trabalhar, o Gume não faltou ou chegou atrasado nenhum dia sequer, em dias de sol quente ou chuva de enchente. Mantinha ainda seus bicos de fim de semana e o salário, todo em espécie, guardado num rasgo do colchão. Como os pais lhe exigiam muito, vendo que o filho tinha conseguido ascender no mundo do trabalho ainda jovem, o Gume resolveu que seria mais proveitoso morar num lugar longe da grande família. E por longe, ele entendeu em outro estado da federação. Na cabeça dele, se permanecesse no mesmo estado que os pais e os irmãos, eles dariam um jeito de lhe exigir cada vez mais dinheiro. Então, pediu as contas no escritório e cruzou o país de uma ponta a outra, para manter a distância e seu dinheiro bem seguros.

Foi em um ônibus desconfortável, levando apenas uma mala e uma bolsa amarrada nas costas com todo o seu dinheiro. Levou quatro dias para chegar ao seu destino. Pelo que eu soube, ele não conversou com ninguém no ônibus, tendo até mesmo comprado o lugar ao lado para que pudesse fazer sua viagem solitária. Chegou à nova cidade, maior e mais confusa que a que ele nasceu, e não quis perder muito tempo procurando um lugar para morar. Ali, perto da rodoviária, já avistou um pedaço de papelão onde estava escrito com caneta vermelha: “Alugam-se quartos”.

E foi ali que eu recebi a hora da sua morte, amém.

Até onde consegui acompanhar essa história, o Gume precisou acertar com a filha da dona da pensão, a Terezinha, uma moça mais nova que ele. A Terezinha se interessou pelo forasteiro. De início, como lhe era de costume, o Gume não lhe deu bola, mas a Terezinha ia insistir. Para conseguir um homem de poucas palavras como o Gume, a Terezinha, que tampouco era letrada, usou da arma da nutrição; como dizia sua mãe, o peixe morre pela boca. E fez os melhores e mais fortificados pratos da culinária regional. Sábado era feijoada, domingo era galinhada. Terças, frango com quiabo. Sextas, rabada. Tudo muito bem servido e incluso no preço. O Gume, que nunca chegou a passar fome, pelo que sei, pela primeira vez na vida se encantou por alguma coisa. A coisa era a comida da Terezinha. Um dia, junto com o prato, a Terezinha se pôs à mesa à espera de Gume, que chegava tarde da lida. Pois ela fez o prato do homem, um prato de muito respeito, diga-se de passagem. E eu já soube de muitos casos que, quando uma mulher faz o prato de um homem, ela quer algo mais do que alimentá-lo com comida. Para completar o banquete, a Terezinha colocou no centro da mesa uma garrafa de cerveja branca de tão gelada. E dois copos.

O Gume nunca foi de beber, mas quando ele bateu a porta da pensão atrás de si e olhou aquele monumento de arroz, feijão, agrião, batata e miúdos, coroados com aquela garrafa suada, depois do calor e da poeira que engoliu o dia inteiro e parte da noite, ele pensou que era merecedor daquele troféu.

O cheiro daquela comida estava impregnado na Terezinha, tão suada quanto a garrafa. A cor de carne assada que a Terezinha tinha formava um amálgama com o verde do vestido curto,

que deixava à mostra as coxas enormes, cheias de furinhos por onde escorriam o caldo do seu corpo grande. Aquele cabelo crespo dela, negro como feijão, estava amarrado para cima, domado, mas os seios fartos explodiam do sutiã muitos números menores, como pães quentes recém-saídos do forno, dos mais tostados. E o Gume, empanturrado de comida e de prazer, não ficou saciado naquela noite. Ele quis mais. E quis toda noite até a Terezinha anunciar aos quatro ventos que estava de bucho cheio. Eu soube que foi um bafafá danado, até o pai da Terezinha aparecer, ninguém sabe de onde, exigindo casamento. A mãe da Terezinha veio correndo com uma caixa enorme, de onde tirou um vestido de casamento puído e bem menor que a Terezinha. Os outros moradores se animaram, e começaram a dar palpites. Até os vizinhos vieram saber da novidade e cumprimentar os noivos. O Gume não gostou nada daquela situação, pois sentiu o cheiro de responsabilidade empestear o ambiente.

No dia seguinte, às quatro da manhã, o Gume se levantou e colocou seus poucos pertences na mala e todo o seu dinheiro, acrescido de algumas novas notas, na sua velha bolsa. Ninguém ouviu seus passos na pensão, de tão leve que ele pisou. Homem justo que julgava ser, em cima da mesa deixou um envelope com o aluguel do mês. Escreveu o nome da dona da pensão na frente, e o dele, atrás, no local do remetente. Pela última vez em sua curta vida, bateu a porta da pensão atrás de si e desceu as escadas até a calçada embaixo. Isso foi tudo o que eu soube de quando ele era vivo.

— *Está certo, até aqui, obrigado. Como bem disse, sou um homem de poucas palavras. Não saberia falar tanto. Até porque estou morto, e eu nem sabia que*

*morto podia contar uma história. Naquele dia, quando eu descí a escada e pisei na calçada, você me esperava na esquina.*

— Pois se esse é o meu trabalho há milhões de anos, nada mais justo.

— *Compreendo, Excelentíssima Dona Morte. Mas vamos aos fatos, como se costuma dizer por aí. Uma operação policial estava iniciando, e eu fui o primeiro a levar chumbo. Meu corpo ficou caído no chão com a barriga para cima até o sol rachar e as moscas aparecerem. A mala sumiu, nem vi quem levou. Mas a bolsa com o dinheiro estava muito bem amarrada nas costas, e ninguém nunca soube o que eu levava ali dentro. Quem tirou o corpo dali foi a Terezinha, que gritava feito louca. A mulher tinha muita força, e arrastou meu cadáver até a sombra. Ela limpou, vestiu e abraçou meu corpo morto. Uns homens o levaram, abriram, remexeram ali dentro, depois costuraram tudo. A vista ficou enevoada até eu chegar neste caixão.*

— Meus pêsames, mas a vida é isso aí, ou melhor, a Morte. Digamos que você tem muita morte daqui para frente.

— *Bem, vamos ver o que acontece depois. Mas, agora, tem uns homens fechando a tampa do caixão, chegou a hora... Espera, não fecha agora! Será que não veem? Vem uma criatura correndo lá embaixo. Misericórdia, é a Terezinha! Ela vem gritando e sacudindo a minha bolsa do dinheiro.*

— Só falta ela querer ir também. Esse povo só me dá mais trabalho.

— *Nada disso Excelentíssima. Olha ela aí, levantando meu braço, já todo duro, com dificuldade. Quase quebra, mulher! Veja que ela está colocando a bolsa embaixo. Vixe, saiu chorando. Ah, sim, morto e digno. A Terezinha, no fim das contas, é sabida mesmo.*

## Descaminho [conto]

**a** casa está suja, você a escuta dizer. a voz da sua mãe é potente, a dicção é precisa, mas você saberia o que ela pensa mesmo se ela não houvesse falado palavra sequer. a feição enojada dela te é uma imagem conhecida. você discorda um pouco do que foi dito, não vê sujeira, está mais desorganizada do que propriamente suja. você retruca, mas não lhe dá tempo para contrapartida, para que ela enumere suas razões, para que ela em seu modo passivo-agressivo te critique. você fala, pega as chaves e sai de casa. percebe, ao descer as escadas, que está sem óculos, sem celular, nem carteira. apalpa os bolsos do short, torcendo para que algum trocado esteja ali acomodado. porém só encontra um chiclete, que você rapidamente desembulha e coloca na boca. o gosto te faz lembrar de uma noite recente, quando ria e bebia com o primo, quando uma garota bonita te abordou. vocês conversaram um pouquinho sobre algum assunto desimportante. você se recorda da risada dela, do piercing no septo e do anel que envolvia o dedo anelar, como se fosse uma cobra a lhe cercar, mas não te volta o nome dela. você masca o chiclete com mais força numa tentativa de retomar a cena, de sentir as mãos da garota no seu pescoço e os lábios nos seus e, quem sabe, o perfume que ela usava. durante um instante, você parece experimentar novamente o toque dela e lhe sobe um arrepio pelo corpo. só que você está andando pela orla e cogita que foi a brisa fresca que te arrepiou. você já entendeu que não conseguirá lembrar do nome da garota bonita, talvez o seu primo consiga, mas agora não será possível perguntar a ele. isso te importa pouco, bem pouco, há um tanto além que é mais importante. na sua caminhada, você pensa que esses rostos deformados pelo botox são mais importantes, que as pessoas daqui são grotescas. te toma um sentimento de repúdio, você se enfeza com essa gente-boneco que corre ao seu lado. e você se

sente ainda mais deslocada entre eles, como se a sua presença fosse inadequada, uma intrusa no bairro em que mora. você se sente olhada, porque realmente te olham sempre duas vezes. parecem à procura de alguma coisa, de algum indício de que você pertence. você costuma devolver o olhar, em geral com uma cara feia, uma cara que você aprendeu a fazer com a sua mãe. e daí as pessoas se confundem, perdem um pouco o equilíbrio, não entendem o porquê da atitude. você segue no seu passo rápido, sem perceber que quase corre. você acelera principalmente quando se depara com grupos de turistas, porque eles sempre param do nada, tomam a calçada e deixam em evidência que não são dali. e se você consegue identificar, os malandros já viram há tempo. e mesmo que hoje você não tenha nada de valor consigo, você sabe que há sempre chance de te furtarem algo além. apesar disso, você continua a andar pela orla neste fim de tarde, nesta época de arrastões. você se atenta, mas deveria ir para o outro lado. há, contudo, um vigor nas suas pernas que te impele a seguir adiante. você não pensa, apenas anda e anda e anda. e vê uns tantos com o celular às mãos para o pôr do sol no arpoador. você enxerga uns guardinhas sentados no carro sem prestar muita atenção em nada. você não espera as palmas e quebra à esquerda, esbarrando em algumas pessoas que voltam da praia. você sente o cheiro da maresia nos cabelos, o hálito de cerveja. te desconcerta a areia deles em você, aquele grude de protetor solar. há uma mulher na sua frente que deve estar ardendo. a pele vermelha dela reluz aos seus olhos e ela caminha com preguiça. o chapéu, que estava amarrado à bolsa, de repente se solta e cai no chão. ela sente a diferença do peso da bolsa e para. você se adianta, pega o chapéu, se aproxima e com a mão nas costas dela diz *'aqui, você deixou cair'*. o seu toque faz o rosto dela se contorcer, mas ela não quer ser mal-

educada. e assim que ela te fita os olhos, o sorriso afetado se desfaz, dando espaço a um genuíno, a um que lhe escapou. você sorri ainda com a mão nas costas dela e, já em tempo, dá um último toque de pressão e se retira. ela fala 'obrigada, gatinha' enquanto olha a sua boca e você se controla para não fazer uma careta pela breguice. o seu 'não tem de quê' sai apressado, porque você já não quer mais estar ali. você deseja encontrar o outro calçadão, sentir novamente a brisa. mas é essa a hora em que as pessoas cansam da cadeira de praia e almejam a de madeira dos botecos ou os banquinhos altos dos balcões. aquele cheiro de fritura toma as suas narinas e te faz salivar. finalmente a fome te alcança. frenético se torna o seu mastigar do chiclete que nem gosto mais tem. o ritmo da sua boca se equipara ao das pernas, rapidinho você chega ao forte. não há tanta gente no calçadão como você previra, e isso te alivia. contudo, já no primeiro quiosque, você se depara com um rosto conhecido. uma feição, na verdade, desconhecida, mas que é tão similar a uma outra. você caminha para se aproximar dessa pessoa, para confirmar se é ela ou não. no andar, o seu peito bate em descontrole, um formigamento se faz nos seus pés. você pensa que não é possível que ela tenha saído de minas neste final de ano. você duvida disso, você sabe dos custos, das tradições familiares que ela tem nos recessos. e se for mesmo ela, você se sente magoada por não ter recebido aviso, mas também te bate uma coisa de sorte de a ter encontrado. você se lembra do amor que sentia por ela. sua memória preservara tantos momentos e falas, tantos toques e olhares. sua mente recorda do último abraço que deram, quando não queriam se soltar, quando se deram beijinhos rápidos, quando não sabiam dizer coisa sequer. você agora nem sabe o que poderia dizer, nem o que fazer, pois não está raciocinando direito faz dias. você não tem sabido tratar as pessoas com carinho. não consegue ouvi-las por tanto tempo, tampouco tem querido expressar o que sente. parece uma criança que brinca de adivinhação. você escuta com uma atenção enviesada, sem lhe dar importância, sem de fato se importar com as situações. e se te cobram, você as rebate, você discorda, como fez com a mãe agora há pouco, e sai. simplesmente sai de casa, do trabalho, do relacionamento. você terminou um namoro tem duas semanas. você se

afastou do seu grupo de amigos mais antigo faz um mês. você tem pensado em ignorar o primo por um tempo, depois talvez de lhe perguntar o nome da garota bonita apenas para sossegar a curiosidade. e assim que o tiver, ou não, quer bloqueá-lo, deixar de respondê-lo, fingir que não existe, nem ele, nem você. é isso que você tem feito. você tem sumido da vida dos outros e quer sumir da sua própria. fugir da vida que já não te dá nada. o seu tesão não se compara ao que antes você sentia. hoje você se excita com uma provocação de segundos e perde o interesse logo depois. a sua irritação surge e se desfaz em instantes. e mesmo o amor, que te nutria, não te comove mais. todas as cartas escritas que pingavam um afeto bonito foram jogadas no lixo. todas as declarações que você já recebeu pegaram fogo, porque você as queimou com a ponta do paiol. as fotografias de uma infância tão cheia de candura estão amassadas numa caixa no fundo do armário. você só não pôs fogo nelas, pois havia cansado de limpar as cinzas pela casa. e agora que você chegou ao quiosque, você teve a certeza de que não é o seu primeiro amor ali sentado na cadeira. por mais que a chance se mostrasse evidente e as dúvidas se multiplicassem, você ainda acreditava que poderia ser ela. você queria que fosse. você se percebe neste desejo distinto. você queria encontrá-la ali, ansiava por um abraço, por um beijo, nem que fosse apenas um único. você agora sente que perguntaria da mãe, das irmãs, da colega de apartamento. você questionaria se estava solteira, casada, viúva. você adoraria saber se ainda trabalhava para o governo, se ainda pensava em política. e você passaria horas nessa escuta, porque te agoniza a saudade de ouvir o sotaque dela. mas a mulher no quiosque é uma estranha. de perto, bem pertinho, você repara que ela é grotesca. e assim você percebe o caos da vida, da sua vida, porque você confundiu o seu amor mais singelo, a mulher mais linda que já viu, com uma boneca do rio. você compreende a sujeira e a bagunça de casa e da rua. nisso da percepção, em que se sente sufocada com o tudo que você tem feito, te trombam no calçadão. a porrada te faz engolir o chiclete e, assim que se apruma e apalpa o bolso, nota que roubaram suas chaves.

# FERNANDO BORGES

## Ruínas [conto]

**U**m tom vermelho-fosco impregnava cada estrutura. Pilares desmoronados, poucas paredes se mantinham em pé, lascadas, sem o que sustentar.

\*\*\*

"Eu falei que sou músico faz 25 anos?"

A mensagem de Beto, em texto, vinha acompanhada da foto de uma guitarra. Uma segunda foto, nunca baixada, embaçada, aparentava ter tambores de bateria.

"Que foda, cara. Eu não entendo nada dessas paradas, mas curto um som" Esta poderia ter sido a minha resposta. Não lembro porquê não respondi. Estava cansado? Ocupado? Sem saco para conversar?

"Ô chefe, tem internação mesmo?". Essa mensagem, em áudio, vinha como habitualmente me chamava: "chefe" ou "doutor".

"Não, já dei alta. Tô olhando uma suspeita de apendicite aqui. Qualquer coisa te chamo." Respondi por texto.

O Beto ficava ansioso com quase tudo que envolvia a rotina no hospital, então eu raramente lhe delegava responsabilidades.

Não, eu não estava sendo legal ou empático. Apenas com preguiça de ter que manejar a ansiedade alheia.

\*\*\*

*Janelas sem seus vitrais, a luz distante, como que repelida por barreiras.*

\*\*\*

Além de ansioso, tinha pouco tato ao lidar com colegas. Às vezes inconveniente (não deliberadamente), às vezes excessivamente expansivo, outras vezes muito assustado com situações corriqueiras da nossa rotina. Dificuldade em lidar com as diferentes hierarquias de um hospital universitário, que embora não pareça aos leigos, só faltam fardas e continências.

Quando um ambiente se fazia silencioso, ele logo intervinha, falando sobre qualquer assunto que julgasse interessante, e seu tema recorrente, a sua bipolaridade e a quantidade de remédios que precisava tomar.

— Sabe, eu também sou bipolar. TAB II.

Não, eu também nunca disse isso. Mesmo no meio médico, a bipolaridade é um grande estigma. Um diagnóstico que te reduz, te marginaliza, que berra *BIPOLAR!* a cada derrapada que você der.

Quando o Beto falava de seu diagnóstico, de seus remédios, de seus nervosismos, medos, impulsividades, alguns fingiam interesse, mas no máximo algum detalhe novo, caso houvesse, era mentalmente anotado para uma piada posterior, distante dele.

Recebi em meu celular:

"Gente, festa dia 26! Todos convidados! Só não chamem o Beto!"

\*\*\*

*Não havia móveis, quadros, pinturas, adornos, carpetes, lustres. Nem sequer velas exauridas. As lareiras pareciam nunca terem sido acesas.*

\*\*\*

Fico feliz em nunca ter ido em uma dessas festas que tinham como requisito a ausência dele. Mas, a bem da verdade, eu raramente ia em festas.

Três meses depois o Beto morreu. Não atribuo a sua morte à exclusão que sofria. Entretanto, não se sentir acolhido era algo do qual reclamava abertamente.

Dois meses antes, enquanto escrevíamos no prontuário eletrônico de um paciente, Beto, sem aviso, soltou que Luana gostava de Messiano. Protestei imediatamente.

— A Luana nunca gostaria dele. Eu conheço ela, é um amor de pessoa.

— Valendo uma Heineken?

— Valendo.

Beto, triunfante, puxou o celular do bolso, trazendo das profundezas da rede social uma foto. Luana abraçada a Messiano. E uma legenda elogiosa.

— Caralho... Tô te devendo uma Heineken.

Beto entrava em questões delicadas sem preâmbulos, às vezes de forma desconexa com o que estava sendo dito até então.

— Sabe, eu não posso ter porte de arma. Se eu pegar uma na mão, eu meto um tiro na cabeça.

E assim ele voltava para a sua grande questão. Eu provavelmente disse palavras vazias de apoio e motivação. Mas o que eu definitivamente não fiz foi avisar qualquer pessoa sobre a sua ideia suicida. Supus que ele já o tivesse feito por si só.

\*\*\*

*Uma guerra ocorrerá. Um cerco? Escassez. Invasão e demolição.*

\*\*\*

Dois ou três dias antes de morrer, Beto veio conversar comigo pela manhã, no hospital. Perguntou se eu tinha um ou dois reais para emprestar para inteirar a passagem do ônibus de volta para casa.

— Cara, não tenho. Só tenho cartão. Mas qualquer coisa me avisa que a gente dá um jeito.

E esqueci completamente. De noite, enquanto saía do hospital, ele estava lá, claramente tentando simular alguma casualidade, e me perguntou: — e aquele um real?

Poucos dias antes havia me dito como estava afundado em dívidas. Não me ocorreu que fosse nesse nível.

— Vamos na barraca do lanche.

Compraria um lanche no cartão, pediria para que o atendente me cobrasse a mais e me devolvesse a diferença em dinheiro físico.

Enquanto comprava o meu, Beto recusou um para si. Dei a ele o dinheiro e sentamos por alguns minutos. Comentei da Heineken, mas ficaria para outro dia. Estávamos ambos

cansados. Falei sobre como as coisas melhorariam. Em um ano se formaria, seria médico e as coisas seriam diferentes.

Em resposta, disse que havia desistido da Ortopedia. Que provavelmente seria melhor acolhido na Psiquiatria. Achei uma ótima ideia. A medicina é um campo minado, um ambiente quase sempre tóxico, e ir para uma área como a psiquiatria talvez se provasse uma jornada menos árdua. Eu quase fui para a psiquiatria também, mas por fim me encontrei em outra especialidade.

Nos despedimos. E essa foi a última vez que o vi.

\*\*\*

*Devastação e destroços. Reminiscência de um castelo medieval. Eu caminhava entre ruínas do que antes fora... Você. Sim, de alguma forma, eu sabia que aqueles escombros eram você. Às vezes não me recordo dos meus sonhos, outras vezes, me lembro em detalhes.*

\*\*\*

Alguns dias depois um vídeo sobre suicídio foi divulgado no hospital. Todos deveriam assinar um documento constatando que assistiram.

Ainda aguardo pela Heineken que, ao beber, me dê a sensação de dívida paga. Um dia ainda tomarei uma e sentirei que foi por nós dois.

# ADRIANO ESPÍNDOLA SANTOS

## Tanto faz [conto]

A solidude me purifica. Estar “só”, há quatro anos, não é nenhum mal. Tomo meu café sem pressa para chegar (aonde?): um pão assado com presunto e queijo e, depois, um suco de laranja. É assim todos os dias. Marieta não está mais no meu encaço. Saiu de casa na semana atrasada, com queixa de dor de dente, e nunca mais voltou. Disse, porém, que viria pegar as malas, por intermédio de um de seus cúmplices, alguém que desconheço, que me ligou por telefone. Até agora não veio. Tenho a pretensão de queimar as suas roupas, assim como a vontade de queimá-la viva, por todo a dor que me fez sentir. Luciana ainda fez pior. Ela me agoniava para ter um filho, quando eu nunca quis tê-lo, por medo justamente de uma separação. Já não transávamos, porque ela queria ir sem camisinha e que eu gozasse dentro. Era o inferno. Morou nesta casa por onze meses. Não sei como aturei. Além do mais, uma sujeitinha porca, que não se aseava direito, vivia com a boca podre a cigarro e os cabelos enebados. Ela cismou que teria um filho meu, que geneticamente eu era o seu par perfeito, segundo os seus estudos furados. Chafurdava, como um porco, as minhas coisas, para saber se tinha outra, e, se encontrasse indícios (ilusórios), culminava em agressões verbais e discussões sem fim. Foi o pior fardo, dos últimos tempos, de que me livre. Mandei-a para a Cochinchina, para o escambau, num dia de fúria, quando me encontrava doente e ela me infernizava para fazer “amor”. Ela foi embora com medo de mim, achava que iria matá-la, e de fato já vinha planejando, porque acreditava que esse era o único meio de me livrar dela. Antes, porém, a minha vida virou um vendaval. Passou por mim Karla – isso, com “k”. Ela foi a mais traíra de todas, porque

me traiçou com o meu melhor amigo, ou que eu considerava como melhor amigo. Eu já estava com Karla há doze meses, achava que era a mulher da minha vida, porque ela me tratava como um verdadeiro príncipe. Trazia café na cama. Comprava quitutes de que eu gostava de comer e me lambuzar. E o principal, fazíamos um sexo fenomenal. A transa durava horas, porque gozávamos, dormíamos, gozávamos e dormíamos, assim sucessivamente. Ela era a luz do meu viver, a mulher com quem, sim, queria constituir família, fazer juras de amor, ser inteiramente seu. E ela vacilou, com o meu – pretense – melhor amigo. Descobri da própria boca dela, quando eu estava impregnado de dúvidas, e vi no seu celular muitas mensagens com o meu ex-amigo. Aquilo me sufocou. Prometi que, se ela não saísse de casa, iria matá-la. Sabe, falei: devo matar-te, com ênclise e tudo, como regem a gramática e a honradez. Ela saiu correndo – sabia, portanto, que eu era capaz de tudo para livrar a minha honra do perigo do vexame. E, passado esse tempo todo, não quero mais saber de relacionamento, jurando, um dia, encontrá-las, para amá-las ou matá-las, tanto faz.

# PAULO HENRIQUE PASSOS

## Livro sem nome [trechos do romance]

O jornal da única cidade do país onde não havia ladrões anunciou que um ladrão estava para chegar. O alvoroço da população foi grande. Na tentativa de acertar quando o ladrão viria, eram muitas as convicções diferentes. Tanto que, em menos de um mês, como efeito das divergências, todos passaram a roubar uns dos outros, e cada casa foi saqueada pelo seu vizinho: eram sinais de que o ladrão se aproximava, nisso todos concordavam. No final do terceiro mês, os que sobreviveram aos assassinatos que logo começaram a acontecer abandonaram a cidade para fugir do ladrão. As casas estavam vazias quando, enfim, um homem chegou. Depois de entrar em algumas delas, teve certeza de que ali era um bom lugar para ele e sua caravana de andarilhos se refugiarem e se protegerem do ladrão que estava por vir. No dia em que, no mundo inteiro, a internet parou, conhecemos o fogo.

\*

Quem chega em Lândia não sabe que chegou. Quem sai ignora que saiu. A cidade foi construída de tal modo que moradores e visitantes não conseguem diferenciar os limites entre Lândia e o resto do mundo. Para os landianos, todos os lugares são parte da sua cidade, e o que não está em Lândia não existe. Os viajantes se dividem em dois grupos: os que buscam, por toda a vida, reconhecer um sinal indicando que chegaram na cidade sem fronteiras – um “bem-vindo à Lândia”, um costume próprio – e os que compartilham a sensação inquietante de não saber nunca se deixaram a cidade. Túlio, um estrangeiro que se tornou landiano e depois se exilou, foi o quinto

a querer traçar os limites cartográficos de Lândia. Foi o primeiro, porém, a fazer isso enquanto sonhava. Quando, em sonho, não soube onde estava, se acordado dentro da cidade ou dormindo além das margens urbanas, acordou sem saber que acordava.

\*

Nunca ter sonhado não foi o que me fez procurar os serviços de Dona Frida. Os sonhos não me faziam falta. Mas a visão utilitária que todos tinham em relação ao que viam durante o sono me levou ao número 524 da Rua Brilhante, onde Dona Frida morava. Ela prometia provocar sonhos em qualquer pessoa, e eu estava ansioso para saber o que os meus tinham a dizer. O aviso que recebi de Dona Frida ao acordar no quarto que ela separava para sonhadores inexperientes, porque ela também interpretava os sonhos que gerava, foi que eu procurasse Dona Frau. Ela me faria acordar do sonho crônico em que eu estava metido desde meu nascimento. Só havia um risco: nunca mais sonhar.

\*

— Lá não vive ninguém.

A decepção do proprietário das casas que estavam para alugar encontrou em Susana um riso de satisfação que ela preferiu disfarçar. Só ela entenderia o que era ter um lugar onde pudesse escrever sozinha, sem ninguém para fazer perguntas ou criar expectativas. Das seis casas, a que Susana alugou era a única que tinha

as luzes acesas à noite e mantinha as portas abertas durante o dia. Na terceira manhã, alguém do lado de fora perguntou, sem que ela pudesse ouvir:

— O que ela faz tanto aí dentro?

— Ouvi dizer que ela sonha.

No mesmo dia, mais tarde, outros:

— Sabe o que ela tá fazendo?

— Acho que tá sonhando.

Vendo-a chegar em casa, outros ainda:

— O que será que ela vai fazer?

— Deve ir sonhar.

Depois, reunidos:

— E quando será que ela acorda?

— Quando, além de sonho dela, formos também memória de outras pessoas.

\*

No dia em que, no mundo inteiro, a internet parou, conhecemos o fogo.

# DANILO BRANDÃO

## Quanto tempo dura o silêncio? [ensaio]

*A missão não é fácil: cada homem é responsável pelo mundo inteiro.*

Clarice Lispector.

*Como o cinema, a Copa do mundo e os livros me ajudaram a entender o silêncio de minha avó e o apagamento da memória de um bairro na zona leste de São Paulo*

### I

Se esse ensaio fosse um roteiro para o cinema, eu poderia começar descrevendo a seguinte cena: Clima eufórico. Milhares de pessoas estão reunidas para assistir a um jogo de futebol da seleção brasileira. A câmera passeia pela arquibancada. É perceptível que não é um jogo comum. Os jogadores dos dois times estão posicionados. Nervosos. A torcida, uniformizada, grita sem parar. A câmera foca no semblante do juiz, que olha para o centro do gramado e apita o começo da partida. Os jogadores se movimentam e, antes do primeiro ataque, a cena corta. *Fade in.* Agora estamos em um quarto. Uma mulher idosa, com mais de setenta anos, está deitada em sua cama olhando para um ponto fixo da parede. Suas pálpebras demoram séculos para completar o movimento natural dos olhos. O local é ocre, com aspecto abafado e repleto de objetos que a ajudam a lembrar de um tempo que não é mais o presente. Ela não fala. Está coberta com apenas uma manta e veste uma camisola finíssima, flores desenhadas por toda a parte e pequenos furos na região das pernas. À sua frente, está seu neto. A câmera se posiciona de um modo que os dois estão enquadrados. Ele olha para ela. Ela olha para o nada. O único som que quebra aquele silêncio é o grito da torcida, ao fundo, a poucos metros dali. Corta.

### II

A manhã do dia 12 de julho de 2014 não foi comum para os moradores de Itaquera. Pela primeira vez em sua história, um dos principais bairros da zona mais populosa de São Paulo<sup>3</sup>, estava no centro das atrações do mundo.

---

<sup>3</sup> O último Censo do IBGE colocou a zona leste de São Paulo como a região mais populosa da cidade. De acordo com o levantamento, a região possui três bairros entre os dez mais habitados na Capital. Na ordem, estão Sapopemba (2º lugar, com 296.042 habitantes), Itaim Paulista (8º, 241.026) e Itaquera (10º, com 220.292).

Em campo, a seleção brasileira deu o primeiro toque na bola do evento esportivo com mais audiência no planeta: Copa do Mundo de Futebol masculino.

Mais de 55 mil pessoas se deslocaram até o bairro, a grande maioria pela primeira vez em suas vidas, para acompanhar o jogo entre Brasil e Croácia.

Para Itaquera e os bairros arredores, a jornada até aquela partida havia começado muito antes. Em 2007, a 9.605 km dali, na cidade de Zurique, Suíça, o Brasil foi anunciado como sede da Copa do Mundo de 2014.

Logo após o anúncio, havia uma questão a se resolver: qual estádio iria sediar o jogo de abertura? Para espanto da mídia especializada, a escolha foi a recém inaugurada Arena Corinthians ou, como muitos a chamam até hoje, Itaquerão.

Os motivos para essa escolha seriam assuntos para outro ensaio. Mas é possível resumir como uma trama que envolve jogo político, preferência clubística de um presidente da república e interesses escusos de empresas da construção civil.

Muitos moradores não tinham consciência de que, naquele dia, muito além do holofote passageiro, começava ali um intenso processo de apagamento das memórias que suas famílias haviam construído ao longo de décadas no local.

### III

Nos últimos quatro anos de vida de minha avó, cumpri o ritual de visitá-la em seu quarto para pedir a sua benção. Todos os netos da família faziam o mesmo. Ela já quase não falava. Há anos ela não se levantava por vontade própria.

E o movimento mais significativo que fazia era nos olhar fixamente nos nossos olhos no momento em que dávamos o primeiro passo no ambiente.

O sentimento de estar sob o olhar de minha avó me acompanha até hoje. Os seus olhos queriam dizer alguma coisa. Eu só não conseguia dizer o quê.

Era o olhar de quem já tinha feito muito. Falado muito, vivido demais. Ao esticar a minha mão direita em sua direção, me impressionava a finura de sua pele. As rachaduras e rugas estavam em todos os lugares e eu apertava de leve para alcançar o fundo. Não conseguia encontrar.

Naquela época, eu ainda era menino e não compreendia o significado por trás daquela cena. Não entendia o que ela tentava transmitir ao me encarar intensamente nos olhos.

Somente agora, anos depois, percebo que o fato de estar escrevendo este ensaio está intrinsecamente ligado àquele silêncio. O preço para que eu, meus irmãos e primos, pudéssemos nos expressar livremente foi o silêncio daquela mulher privada de falar durante toda a sua vida.

Sua luta estava centrada em sua casa, sua dignidade e a continuação da história de nossa família.

#### IV

Em seu livreto político *Quem matou meu pai*, o escritor francês Édouard Louis declara que o fato de seu pai não ter conseguido contar a sua própria história era violento para os dois.

Para ele, por não conseguir algumas respostas pelas quais esperou a vida inteira. Para o pai, por não conseguir contar a sua trajetória por um ponto de vista próprio.

O autor elenca dezenas de motivos que impediram o seu pai de falar. Empregos desgastantes, sistema de previdência pública, escolhas políticas, opressões estruturais.

Tudo isso no contexto das camadas mais pobres da sociedade urbana francesa.

Ao terminar o livro de Louis, olhei pela janela e pensei no legado das pessoas que compunham o meu bairro. As ruas, agora, estavam tomadas por canteiros de obras e todas as casas de minha infância estavam sendo substituídas por prédios de cinco andares.

Logo, as memórias de dezenas de famílias, que também foram violentadas por falta de políticas públicas durante décadas, seriam substituídas por um horizonte infinito de kitnets de fachadas idênticas e aparatos de segurança de estilo medieval.

Pensei na memória da minha família, na luta de minha avó por aquele terreno e qual, afinal, teria sido o início silencioso daquele processo de apagamento.

#### V

Cresci a poucos metros do Itaquerão<sup>4</sup>. Do quarto que passei toda a minha infância, ainda hoje, é possível ouvir a torcida dos donos da casa gritarem a cada gol feito, a cada jogada desperdiçada ou erro do juiz.

Em dia de jogo, a rua de casa fica abarrotada de carros, torcedores escandalosos e flanelinhas exigindo dinheiro dos motoristas desavisados.

---

<sup>4</sup> Em setembro de 2023, o Sport Club Corinthians Paulista anunciou a venda dos naming rights de seu estádio para a empresa do segmento de saúde Neo Química, sendo assim, o estádio passou a se chamar Neo Química Arena.

Está lá, pertinho da minha janela, a resposta para a pergunta que fiz ao terminar de ler o livro de Louis. Desde a inauguração do estádio, tudo mudou.

## VI

Minha família se instalou em A.E.Carvalho, bairro vizinho a Itaquera, em 1963.

Alguns anos antes, meus avós, José Navarro Brandão e Rita Ferreira Brandão, e alguns irmãos partiram da cidade de Afogados, Pernambuco, até São Paulo, em uma viagem de uma semana em um pau de arara<sup>5</sup>.

Assim como milhões de nordestinos, buscavam na cidade recém urbanizada a "salvação da lavoura".

## VII

Tudo que sei sobre esse tempo, foi minha tia que contou. Ana Maria Brandão da Silva. Filha mais velha de minha avó, é uma das últimas vozes que ainda podem ecoar sobre os primeiros anos da família em São Paulo.

"Assim que consegui juntar um pouco de dinheiro, o primeiro tio-avô a chegar em São Paulo, conhecido como "Seutonho", alugou um modesto quarto e cozinha e, gradualmente, trouxe cada membro da família que ainda estava no Nordeste. Isso ocorreu por volta de 1955. Minha mãe se casou com Seu Brandão, e eles foram viver em um cortiço na zona leste.

Quando nasci, em 1957, a família já havia se mudado para uma casa de dois cômodos, onde não precisávamos mais compartilhar banheiro, tanque ou pia com outros, algo que era considerado um luxo na época.

Em junho de 1963, quando eu tinha 6 anos de idade, mudamos para a A.E Carvalho, um terreno que adquirimos um ano antes em pequenas prestações, financiado pelo Banco A.E Carvalho, que já não existe mais. Como incentivo para a construção, diziam que forneceriam alguns materiais como tijolos e telhas.

---

<sup>5</sup> Termo utilizado para denominar o tipo de transporte de passageiros realizado na carroceria adaptada de um caminhão, em que se colocam tábuas, para servir de assento, e se instala uma cobertura de lona encerada para a proteção dos viajantes.

Com essa doação, conseguimos construir um modesto quarto e cozinha, ou seja, o máximo que nosso orçamento permitia".

### VIII - Um dos anúncios aqui

Em sua tese de doutorado<sup>6</sup>, a pesquisadora Debora Regina Aversan descreve a Casa Bancária Predial e Fiadora A. E. Carvalho, mais conhecida como Banco A. E. Carvalho, como a grande responsável pela chamada “segunda onda de moradores” do bairro. O banco, propriedade de três irmãos - Mário, Antônio e Alcides Estevão de Carvalho - atuou, principalmente, nos projetos de bairros próximos à linha férrea da Central do Brasil, entre as estações Vila Matilde e Itaquera. A região, na época, não fazia parte dos planos das autoridades responsáveis pelo planejamento urbano da cidade.

Um anúncio no jornal Estado de S. Paulo do dia 25 de janeiro de 1954 exibia a seguinte propaganda "A Casa Bancária Predial e Fiadora A. E. Carvalho S.A sente-se honrada por ter contribuído com a sua parcela de realizações para o desenvolvimento de São Paulo. Sob os seus auspícios, vários milhares de habitantes têm hoje a sua casa própria ou então a estão construindo - por preço extremamente módico. Ascende a 4.929 o número de casas já entregues na Cidade Patriarca e nas diversas vilas e a 15.702 o número de lotes já vendidos".

A história é conhecida nas grandes cidades: nos lugares que o poder público não atua, as grandes corporações fazem o seu próprio jogo. O que o anúncio não conta é que os juros para os moradores, em quase sua totalidade imigrantes vindos do nordeste, eram exorbitantes. Em Itaquera, grandes corporações atuam, quando querem, muito antes da Copa do Mundo de 2014.

### IX

Ao receber o projeto de construção do Itaquerão pela primeira vez, o então presidente da CBF, Ricardo Teixeira, e o prefeito da época Gilberto Kassab declaram que a maior qualidade do projeto era trazer mais autoestima para os moradores de Itaquera. "Essa é a grande virtude do projeto, que está ajudando o desenvolvimento econômico da região, com a atração de novos negócios, e também a autoestima da população local, que era baixa e hoje está muito mais alta, o que é bom para São Paulo e para o País"<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Em busca de um lugar na metrópole: Cotidiano e vivências na Cidade A. E. Carvalho,

<sup>7</sup> <https://psd-sp.org.br/noticias/kassab-visita-a-arena-corinthians-e-destaca-sua-importancia-para-a-zona-leste/>

## X

Com o passar do tempo, o quarto e sala na Rua Sáira, número 120, cresceu. Na década de 90, já eram cinco casas, todas elas construídas pelo meu avô e distribuídas para cada uma das filhas morarem com suas famílias.

Durante esse tempo, tudo era familiar no bairro. Nasci em 1996. Já nesse endereço. E, desde que me reconheço, lembro das tonalidades dos muros das casas vizinhas, da rotina dos seus moradores e dos aclives do asfalto. Mas, de tudo, o que me parecia mais imutável, eram os pontos comerciais, que pareciam que nunca iriam ser afetados por nenhuma crise financeira e estariam sempre ali.

## XI

"Quando nos mudamos, encontramos um bairro ainda pouco desenvolvido, com poucas residências e ruas de barro, todas identificadas por números. A nossa era a de número 47, na quadra 120.

Apesar das ruas serem largas, havia apenas algumas casas, com uma considerável distância entre elas, cerca de duas quadras.

Para ilustrar, na época em que nos mudamos, apenas as casas da Dona Jaci e da Dona Nena estavam presentes. As casas das nossas vizinhas já eram um pouco mais estruturadas, com cerca de quatro cômodos.

Do nosso lado da rua (direita), só havia a nossa casa e não existia muro. Isso nos permitia brincar livremente até tarde da noite, especialmente porque, inicialmente, não tínhamos luz elétrica nem televisão, então nossas atividades eram ao ar livre.

A iluminação era proporcionada pelo lampião e a água era retirada de um poço artesiano doméstico.

Após algum tempo, não consigo precisar exatamente quando, finalmente conseguimos eletricidade e, com sacrifício, compramos uma televisão, que era compartilhada com os vizinhos, que agora eram mais numerosos.

Imagine uma sala (o próximo cômodo a ser construído) cheia de crianças sentadas no chão assistindo desenhos animados, enquanto as senhoras assistiam aos programas de calouros aos domingos e os homens acompanhavam os jogos de futebol (a Copa de 1970 foi assistida dessa maneira).

Os meios de transporte eram limitados: tínhamos o velho trem "Maria Fumaça" e um ônibus em péssimo estado, conhecido como Penha/São Miguel, que passava esporadicamente pela então Av. Águia de Haia (cujo número ou nome exato não me recordo). Vale mencionar que a estação ferroviária estava localizada onde agora se encontra a Estação Metrô Arthur Alvim.

O comércio era escasso, limitando-se basicamente à feira livre, que permanecia no mesmo local, e, após algum tempo, ao Bar do Sr. Júlio (um português conhecido por ser bastante econômico), na rua Taperaçu. O prédio ainda está lá na esquina. No bar, comprávamos doces enquanto meu avô saboreava sua cachaça, já que era a única opção disponível.

É interessante notar que o Bar do Sr. Júlio permanece com a mesma estrutura até hoje. Não consigo me lembrar se houve alguma reforma ou se os mesmos donos ainda estão à frente do estabelecimento".

## XII

De tudo o que minha tia me contou dessa época, o que mais me chama atenção é a nomeação de vizinhos, donos de mercearias e profissionais liberais que atuavam no bairro naquela época.

É exatamente o mesmo detalhe que, com o passar dos anos, penso que vai me sobrar da minha infância. O Bar do Carlão, a padaria do José, a mercearia do Baixinho. Pessoas que, para mim, sempre inverteram a lógica das grandes corporações: estavam no mesmo bairro, não abriram novas unidades e nem expandiram as suas estratégias comerciais. E por isso mesmo ainda se podemos nomeá-las.

## XIII

Um pouco depois de ler o livro de Louis, revisei um dos meus documentários preferidos: *Daguerréotypes* (1975), realizado pela cineasta Agnes Varda.

No filme-ensaio, Varda filma o cotidiano da Rue Daguerre - famosa por seus diversos comércios em Paris - onde estava morando na época. Varda passava por aqueles comerciantes todos os dias. Mesmo assim, o seu grande desafio é retratá-los como algo que vai além da sua função social. Afinal, não são padeiros, açougueiros ou boticários. São pessoas. Esse movimento de penetrar na intimidade do que chama de "multidão silenciosa" revela muito sobre a condição da própria artista, mas também sobre as opressões que atuam para silenciar aquelas pessoas a contarem as suas próprias histórias.

A força de *Daguerréotypes* está nessa tentativa de proximidade íntima da cineasta e se estende até suas margens. Varda se dedica a explorar a rotina dos pequenos estabelecimentos que frequenta e a engajar-se em conversas com um grupo de pessoas pelas quais ela nutre sentimentos que não consegue reconhecer.

A proximidade dos encontros habituais coexiste paradoxalmente com a distância que separa suas formas de vida.

São pessoas silenciosas. Mas não sem memórias. E Varda manipula justamente o silêncio para impulsionar o seu filme.

Logo na cena de abertura depois dos créditos, somos apresentados ao casal da perfumaria Au Chardon Bleu. Em diversos momentos, entre a narração em off de Varda e a interrupção pela entrada de alguns clientes, vemos o marido olhando diretamente para a câmera e a esposa observando a rua, com um olhar aflito. Sempre enquadrados no mesmo plano.

Esses olhares, que nunca se cruzam, mas se completam, me lembram o de minha avó. E eu fico impressionado como pode olhares de personagens tão distantes serem tão parecidos. São as estruturas. Não se entende exatamente o porquê, mas é possível sentir em todo lugar do mundo.

#### XIV

Nas cenas da perfumaria Au Chardon Bleu, o silêncio desempenha um papel como "palavra muda", para usar uma expressão cunhada por Jacques Rancière. O pesquisador destaca dois aspectos desse silêncio: primeiro, como a imagem é uma significação das coisas diretamente inscritas nos corpos, uma linguagem visível a ser decifrada; segundo, como é o "mutismo obstinado" das coisas que permeia a relação entre elas.

#### XV

Eu nunca ouvi minha avó falar sobre o seu passado. Nem sobre os primeiros anos da família naquele bairro, as dores e violências do seu casamento e muito menos sobre as transformações do bairro ao longo dos anos.

Tudo que eu soube sobre a sua história foi por meio de outras pessoas. Para uma mulher nordestina, pobre e com pouco estudo são poucas as chances de contar a sua própria trajetória.

Aqueles que têm o poder de fazê-lo são os donos das grandes estruturas. Para esses, é reservado o poder sobre as memórias, as histórias e os rumos de um bairro.

Foi assim quando ela chegou em São Paulo em 1963. É assim agora depois da construção de um estádio de futebol.

Hoje em dia, quase não existe mais casas na nossa rua. Os prédios tomaram conta de todos os espaços. Não conseguimos mais nomear vizinhos e nem comerciantes. Construtoras disputam vorazmente qual possui a melhor condição de entrada e taxa de financiamento. É esse o movimento que o mercado reservou para a região.

Aos poucos, a memória se esvai. As últimas testemunhas se despedem. E, apesar de todo o barulho do canteiro de olhos, os bairros ficam cada vez mais silenciosos.

## XVI

"Fico triste em ver as antigas casas, onde vi por muitos anos, famílias sendo formadas e depois abrigando seus filhos e netos (como é o caso da nossa família), serem destruídas para a construção de caixinhas, eu diria, a favor de um mercado de pura especulação", finaliza minha tia.

NAVVA  
LH  
IS  
TA  
S



**Marina Faloni** é advogada, formada pela Universidade de São Paulo. Desde a adolescência escreve poesia como refúgio e reconstrução da memória. É autora de *Bicho Geográfico* (TAUP, 2025). Constantemente publica em antologias e revistas.

---

**Gabriel Montilla** (Maceió/AL, 1996) é escritor, performer, professor e educador popular, graduando em História Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas, é também produtor cultural e militante do Coletivo de Cultura Periférica Guerrilha Poética e cofundador da produtora independente Simbiose Multimídia. Em seu primeiro livro, "as vacas estão fazendo protesto" (Editora M.inimalismos, 2023), aborda o cotidiano do trabalhador maceioense, entrelaçando a história cultural e política das Alagoas. Seu segundo livro já está em processo de publicação pela editora Patuá e se chamará "o sangue segue nos olhos", onde o autor expõe as marcas deixadas pela exploração do trabalho e sua consequente desigualdade.

---

**Tamara Isaac** é advogada, escritora e tradutora haitiana residente no Brasil. Seu primeiro livro de poesia, *Não Quero Ser Outra*, foi publicado recentemente. Seus poemas também aparecem em antologias como *Nueva Poesía Costarricense* (Costa Rica, 2020) e *O Amor é Um Grito* (Brasil, 2024). Coorganizou encontros culturais e workshops sobre escrita criativa e inteligência artificial. É reconhecida por seu trabalho em justiça linguística e inclusão, abordando temas como política negra e justiça social.

---

Nascido em 1986, **Guilherme de Queiroz** é carioca, advogado, psicólogo e poeta. Trabalha há anos com a palavra, seja escrita ou falada. Escreve poesia desde a adolescência, mas só em 2024 lançou seu primeiro livro "Esta leitura é gratuita". Iniciou um perfil no Instagram (@guiesuaspoesias) com publicações diárias, que já conta com mais de 4 mil seguidores. Participou de várias antologias de poesia como a do Prêmio VIP de Literatura 2024, publicado pela AR Publisher Editora, tendo sido um dos 15 poetas selecionados entre mais de 900. Atualmente, é colaborador do Café Literário, coluna do jornal Notibras, com publicação mensal de poemas.

---

**Maria Emanuelle Cardoso** nasceu em 15 de novembro de 2000 em Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. É bióloga e mestranda em Biodiversidade. Atua como educadora popular e ativista socioambiental. Seu primeiro livro, intitulado *Amarelo mostarda*, saiu pela Editora Nauta (2024). Anterior ao livro, sua obra vem sendo publicada em antologias e revistas (*Há quarenta e seis pés*, *Totem&Pagu*, *Cassandra*, *Aboio*, *Ruído Manifesto*, *Casa Inventada*, *Oficina Literário da Revista Cult*, *Cupim*, dentre outras). Ganhou o segundo prêmio do Prêmio Poesia Agora Verão 2021 (Trevo) e participou do Clipe Poesia 2023 na Casa das Rosas.

---

**Uma Reis Sorrequia** (1996), travesti nascida e malcriada em Sorocaba/SP. Já residiu em Curitiba/PR, Córdoba/ARG e Recife/PE, e hoje mora em São Paulo. Autora do poema "Eu era uma menina e não sabia" publicado na Antologia Poética, Sarau Brasil 2019 da Vivara Editora Nacional. Também é autora do poema "Travesti" e do conto "Entre sobras e migalhas: uma identidade de fome" publicados na Revista Laudelinas em 2021. Bem como, do poema "Corre" publicado na Revista EuOnça da Editora Urutau em 2022. Uma é chocólatra, docevocrata, ama vinhos, apaixonada por padarias e viciada em café. Contato: uma.sorrequia@gmail.com e @furia.travesti

---

**ANANUN**, nascida em Bambuí-MG (1993), é designer gráfica e escritora apaixonada pela palavra como espaço de criação. Em 2023, teve um conto publicado na antologia *Imagens de Coragem* (Patuá), lançada na FLIP. Em 2022, participou da Virada Cultural de Belo Horizonte com uma frase-instalação em letreiro luminoso. Publica textos e projetos autorais na internet, explorando encontros entre linguagem e forma que transitam entre o visual e o literário.

---

**Athos Miguel** nasceu em Aracaju, capital de Sergipe, em 2004. Ele cursa Direito na Universidade Federal de Sergipe (UFS), participa ativamente de projetos de debate universitário e de estudo jurídico e internacional e possui publicações nas antologias “Prêmio Off Flip 2024” e “Na Rede”, ambas da editora Selo Off Flip. Buscando constantemente pela versatilidade lírica e temática em seus poemas, tem o lançamento de livros de poesia como um dos amores e dos projetos de sua vida.

---

**Bruno Ramalho** nasceu no Rio de Janeiro, em 1978, com um pé em Aracaju, Sergipe, e o outro em Conceição, Paraíba. Cresceu e vive em Brasília, Distrito Federal. Escreveu *livra-me*, poesia (Scortecci, 2019), *uns amores bemóis* (Patuá, 2021), *o que cabe em quase nada ou quase isso* (Patuá, 2022) e *num depois que nunca vem* (Patuá, 2025). Publicou as plaquetes digitais *água, cimento, areia e brita* (2021) e *sedução ortográfico-amorosa* (2025), ambas pelo selo Mirada. É trompetista amador e médico, na área de reprodução assistida.

---

**Aluisio Martins** é produtor cultural, escritor, poeta e faz parte de um coletivo de arte contemporânea (@collective\_summation). Reside em Fortaleza, onde faz reflexões do cotidiano entre o orgânico e o concreto. Sua escrita, na poesia, conto ou crônica, busca retratar o fenômeno do mínimo existencial poético, enquanto critica estruturas estabelecidas e celebra a impermanência. Seus apetites vão da filosofia à inteligência sensível. Nordestino do mundo, acredita que tudo tem sertão no nome da alma, enxergar o mundo é saber que "tudo é lugar onde ainda não se exista". Tem poemas e contos em vários sítios, antologias e revistas. É facilitador de processos de criação de poesias e projetos de cultura e arte (@aluisiomartinsrodrigues). Pai feliz de duas mulheres e um garoto. Incríveis.

---

Frederico Dantas Vieira, conhecido no meio literário como **Fred Dantas**, nascido e residente na cidade de Aracaju, Estado de Sergipe, nordeste brasileiro. É poeta, escritor, autor dos livros de poesias: "Paródia do amor na poesia esquecida"(2002) "Liberdades Pretéritas"(2018), "Palavras Nômades: poesias e contos"(2020) lançados no Brasil e em Portugal, "Poemas de sobre(voo) e outros desmoraamentos"(2022), *Infinitivos: poesias e contos* (2023) e *Ventanias* (2024), além de participar de diversas antologias de poemas e contos. É também psicólogo social e clínico e usa a literatura e a escrita também como forma de intervenção.

---

**Patrícia Motta De Meo** é paulistana e tradutora de inglês e italiano. A poesia é seu caso de amor com a escrita desde menina. Ainda na infância, entregou-se ao universo fascinante dos poemas e até hoje se surpreende com os frutos desta experiência única em sua vida.

---

**Mariana B. Zanelli** é bacharela em Ciências Sociais pela UFSCar, professora de inglês como língua estrangeira, estuda Educação e Tecnologia na UFSCar, é antropóloga não-praticante, desenhista amadora e aos poucos tem se reconhecido como artista. Explora diferentes mídias como papel, tecido, xilogravura e também brinca de fazer joias. Aproveita seu pouco tempo livre lendo, desenhando, pintando ou criando joias na companhia de seus gatos Tomilho e Alecrim.

---

**Clara**, nasceu em 06/06 e adora essa data de nascimento. É acadêmica de psicologia, geminiana, mineira, fascinada por psicanálise, colagem, música e poesia. É meio trash. Gosta de ser muitas coisas, como boa geminiana que é. Mas o ascendente em virgem bota uma pontinha dos pés no chão. Brinca com as palavras. Brinda com as palavras. Adora escrever com o corpo.

---

**Brenno Costa** é um poeta e dramaturgo do Rio de Janeiro. Escreveu dois livros de poesia e mais de 20 peças de teatro. Seus textos estão em diversas revistas literárias, assim como na Cult. Além disso, integra o grupo de poetas do portal Fazia Poesia.

---

**Bibianne Terra** - Formada em História, cursando Letras e Pedagogia. Embora minha primeira formação tenha sido em Fisioterapia, sempre fui guiada pelas palavras — na leitura e na escrita, que se tornou meu refúgio e expressão. Sou mãe atípica, experiência que atravessa minha escrita de forma sensível e humana. Amo histórias, reais e inventadas, e acredito na potência da literatura para tocar e transformar. Sigo escrevendo movida pelo desejo de compartilhar o que pulsa em mim.

---

**Fernanda Silveira** nasceu no Rio de Janeiro e se formou em Jornalismo em 2000. Trabalhou no mercado editorial carioca por 17 anos. Atualmente, é revisora e editora de livros *freelancer*, e, nas horas (im)possíveis, escritora. Em busca de aventuras, mudou-se para Curitiba em 2021, cidade que fez seus olhos brilharem desde a primeira chuva. Publicou o livro de contos *Chá com mariposas* (Raiz/Cambucá, 2018) e participou de antologias diversas nas categorias contos, poesia e fragmento de romance. Seu romance de estreia está em processo.

---

**Giovana Erthal** nasceu em Niterói (RJ), se formou em Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora e agora é mestranda no PPGCOM da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem contos publicados na Revista Trama (MG) e no Jornal RelevO (PR).

---

**Fernando Borges** - Paulistano que cresceu entre SP e MG, fugiu para o interior em busca de paz, não encontrou, mas tem na escrita o seu refúgio. Escreve desde a infância, publica em seu blog desde 2011 ([www.fernandoborgesescritor.com.br](http://www.fernandoborgesescritor.com.br)), lançou seu primeiro livro, *Emancipação*, em 2020 (temendo morrer de COVID antes de concretizar esse sonho) e o segundo, *Cólera e Indiferença*, em 2024. @fernando\_borges\_autor.

---

**Adriano Espíndola Santos** é autor de “Flor no caos”, “Contículos de dores refratárias”, “o ano em que tudo começou”, “Em mim, a clausura e o motim”, “Não há de quê”, “Amparo secreto”, “Viver morrendo”

e “Arraia-ralé”. Advogado. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária e em Revisão de Textos. Membro do Coletivo Delirantes. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

---

**Paulo Henrique Passos** nasceu em Fortaleza, em 1988. É professor e escritor. Mestre em literatura pela Universidade Federal do Ceará. Publicou os livros de contos “Sindicato dos deuses” (Substância, 2015), “Reality” (autopublicação, 2022) e o romance “Livro sem nome” (Patuá, 2023). Participou da Oficina de Criação Literária da PUCRS com o professor Luiz Antonio de Assis Brasil em 2022. Criador do site de entrevista com escritores e escritoras Caixa-Preta (caixapretaentrevista.com), onde mensalmente é publicada uma nova entrevista. Gosta de ler, assistir e escrever histórias fantásticas, absurdas, insólitas. Pode ser encontrado no Instagram no perfil @paulohenrique.passos

---

**Danilo Brandão** nasceu em São Paulo, em 1996, e vive em Londrina. Estreou na ficção com o livro de contos Tempos ainda sem nome (Editora Urutau, 2022). Em seguida, publicou Até a última gota (Editora Mondru, 2023), seu segundo livro. Já publicou contos, ensaios e reportagens em diversas revistas, sites e jornais especializados em literatura.

---

**Fernanda Oliveira**, artista têxtil e visual residente em Joinville (SC), desenvolve desde 2018 uma investigação crítica sobre a condição da mulher na história e na sociedade contemporânea. Utilizando bordado e colagem como meios principais, suas obras abordam o apagamento feminino, a violência estrutural do patriarcado e os impactos do sistema capitalista. Através de uma prática que une sensibilidade e crítica social, sua produção propõe reflexões sobre o corpo da mulher como território de resistência e afirmação. @uterina\_\_

---

**Ubiratan Costa** nasceu em Goiânia (GO) em 1990. É formado em composição musical pela Universidade Federal de Goiás, graduando em letras, e mestrando em estudos literários pela mesma instituição. Estreou na literatura com o livro de poemas As notações do azul, publicado em 2021, e em 2023, pela editora Urutau, publicou Tarde Inventada, livro vencedor do Prêmio Mozart Pereira Soares 2024 na categoria poesia. É compositor de música de concerto e por meio desta arte dá vida a textos próprios e de poetas queridos, como Cecília, Bandeira e Kaváfis, em canções para formações instrumentais e vocais variadas. É membro do grupo Música Íntima, com o qual lançou os álbuns “Jackhes, meus amores” (2019), e o EP “Reverdecente” (2020).

Hey, navalhista,  
seja você que escreve,  
seja você que nos lê,  
nosso  
**MUITO OBRIGADO!**



Siga nos acompanhando  
e ajudando a espalhar o que  
há de melhor em nossa literatura  
nacional contemporânea:

 @revistanavalhista

 @editorasertaopasargada



[www.revistaonavalhista.com](http://www.revistaonavalhista.com)

Sempre estamos com alguma chamada em aberto!